

**ENTREVISTA CONCEDIDA AO JORNALISTA MÁRCIO RENATO DOS SANTOS
JORNAL CÂNDIDO (EDIÇÃO NR 39 – OUTUBRO-2014) – BIBLIOTECA PÚBLICA
DO PARANÁ -**

ASSUNTO: ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO

CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA (UFSC-CAPES)

1. É possível conhecer a história por meio de um romance? Ou em uma obra literária, até mesmo em um romance histórico, tudo é ficção?

Sim, é possível conhecer a História Oficial e a História vexatória pela via ficcional. Existem romances históricos que revelam episódios da História Oficial, cujo conteúdo foi escassamente difundido nos ensaios de grandes historiadores ou simplesmente escamoteado por fins ideológicos. De igual modo, o romance histórico tradicional guarda muitas referências ligadas ao universo real, ou seja, à tradição realista, difundida em larga escala, no último quartel do século XIX. Já o romance histórico contemporâneo nem sempre precisa estar ligado ao universo de referências, dando uma maior liberdade imaginativa ao escritor. A meu ver, as leituras acadêmica e enciclopédica, ligadas a datas e a movimentos inertes, prejudicam o interesse do público leitor pelo conhecimento da História. A título de exemplo, a figura do príncipe negro D. Obá II (figura popular oriunda da região de Lençóis na Bahia e residente no Rio de Janeiro) é revelada no livro do historiador Eduardo Silva de forma bastante documental e pouco problematizada. Já no romance *A República dos Bugres* (1999), de Ruy Reis Tapioca, a imagem do príncipe ganha vida e aparece dramatizada, arraigada aos seus problemas de época, tensionada pelos diálogos e conflitos estabelecidos na corte do Rio de Janeiro. Poucos sabem que essa figura teve forte participação política na Corte Portuguesa (sendo amigo fiel de D. Pedro II) e que também lutou na Guerra do Paraguai (1864-1870), liderando grupos de militares. Devo salientar que a atualidade crítica de *A República* está, sobretudo, na articulação crítica entre passado e presente. Outro exemplo notório foi à dramatização da História da construção da Ferrovia Madeira Mamoré, realizada na ficção histórica de *Mad Maria* (1980) do escritor Marcio Souza. Neste romance, é possível o leitor apreender episódios dramáticos sobre a macabra mortandade de trabalhadores estrangeiros. Desse modo, o romance inclui descrições rigorosas realistas do sofrimento dos imigrantes (a maior parte do continente latino-americano) que chegaram ao Brasil para construir uma ferrovia que não durou muito tempo. Não é à toa que o pesquisador Francisco Foot Hardmann (IEL-UNICAMP), no seu ensaio *O trem fantasma* (1985), tenha indicado esse romance como referência obrigatória para aqueles leitores que desejam conhecer poeticamente e historicamente os acontecimentos da construção da ferrovia.

2. Qual o limite entre realidade e ficção em um romance histórico? Antes, o que é um romance histórico?

Na verdade, não existe limite entre história e ficção. Desde a Antiguidade Clássica, com as obras *Iliada* e *Odisseia*, do filósofo grego Homero, com as linhas históricas do versado historiador Heródoto, Tucídides ou Xenofonte, os versos literários casaram com os elementos representativos da História. A aproximação do texto romanescos com os acontecimentos do passado, ou mesmo do documento histórico, sempre foi fator cardeal para grandes escritores continuarem escrevendo e, conseqüentemente, se entusiasmando cada vez mais com seus projetos literários. Parcialmente muitos escritores vão dizer que não há relação de dependência entre os estatutos da História com a Literatura, dizendo que a obra literária passa a ser autônoma quando publicada, não se reduzindo a uma mera sedução pela realidade. O romance, para ser considerado histórico, depende de alguns fatores e estratégias estilísticas artísticas que variam de escritor para escritor, de época para época, de cultura para cultura. A noção geral (senso comum) é que o romance histórico relate algo no passado, com figuras de época, cenários

antigos, linguajar arcaico, ações e conflitos oriundos de guerras e batalhas. No entanto, academicamente falando, o romance para ser considerado histórico depende de alguns fatores de ordem conceitual. Para Gyorgy Lukács, o romance histórico deve possuir a figura de personagens medianas (o autor cita o personagem Ivanhoé do romance homônimo de Walter Scott), que possam circular facilmente (mediando os conflitos) entre as camadas pobres e abastardas. Além disso, para Lukács o romance histórico deve ser fruto de conflitos, conquistas e batalhas entre os povos. O mais problemático de todos é o crítico canadense Seymour Menton (com base nas formulações do crítico Anderson Imbert), o qual discorre que o romance, para ser considerado histórico, necessita que o processo criativo e documental não inclua fatos vividos durante o período de vida do próprio autor. Com base nisso, Menton desconsidera alguns romances do escritor cubano Alejo Carpentier (*O Recurso do Método, Século das Luzes*), considerando apenas o romance *O reino do mundo* (1949) deste autor. Já no caso brasileiro, três pesquisadores formulam considerações distintas. Para o pesquisador Alcemeiro Bastos (UFRJ), o romance histórico exige um leitor “medianamente informado” acerca dos fatos históricos, isto é, o leitor deve conhecer um pouco das figuras históricas de época, por exemplo, o Getúlio Vargas, do romance *Agosto* (1986), de Rubem Fonseca. Já a pesquisadora Marilene Weinhardt (UFPR) defende que o romance, para ser considerado histórico, necessita remontar fatos e acontecimentos que transformem a sociedade de época. E, por último, não encerrando a lista, o pesquisador Antônio Esteves (UNESP-ASSIS) defende que o romance histórico precisa remontar um cenário peculiar à época, assim como a remontagem de uma trama fictícia, obedecendo aos critérios da verossimilhança.

3. Pode citar dez romances históricos, cinco brasileiros e cinco de outros países, que são exemplos de romances históricos de excelência?

No caso brasileiro, citarei aqueles que tiveram maior contato comigo, apreciação, afinidade e leitura completa, a saber: *A República dos Bugres* (1999), do baiano Ruy Reis Tapioca, *Mad Maria* (1980), do amazonense Márcio Souza, *Boca do Inferno* (1996), de Ana Miranda, *Cães da Província* (1987), de Luiz Antônio de Assis Brasil, *Agosto* (1990) de Rubem Fonseca, *Incidente em Antares* (1973), de Érico Veríssimo. No caso estrangeiro, o clássico *O nome da Rosa* (1980) do escritor Umberto Eco, *Memorial do Convento* (1980), de José Saramago, citaria *História Secreta de Contaguana* (2007), do colombiano Juan Gabriel Vásquez, *A mulher do tenente francês* (1969), do escritor John Fowles, *Ragtime* (1974), do escritor norte-americano E.L. Doctorow.

4. Há romancistas históricos em praticamente todos os estados brasileiros. No Rio Grande do Sul e, por exemplo, no Paraná, há romancistas históricos. Tenho a impressão de alguns romances históricos têm a finalidade de reforçar a identidade e afirmar momentos da história do Estado? É isso mesmo? Ou não?

Muitos romances históricos servem para resgatar a soberania nacional. Fronteiras, pontos limítrofes, limites, funcionam como insígnias que demarcam questões de identidade. Discutir identidade em muitos romances históricos é discutir o óbvio, pois boa parte desses romances realiza uma defesa da identidade nacional. Romances históricos demarcam fronteiras por meio da reconstituição da linguagem, descortinam horizontes, descarregam imagens patriotas. Todo escritor almeja formular uma espécie de “comunidade imaginada” aos termos do ensaio do historiador Benedict Anderson. Obviamente que muitos romancistas históricos regionalistas reforçam a cultura local. Alguns reforçam a questão da verossimilhança utilizando o linguajar de época, outros apresentam o lado exótico da nação, evocando a fauna, a flora e as belezas naturais, como o cearense José de Alencar fez através dos romances *As Minas de Prata* (1865-1866) e *Guerra dos Mascates* (1873). Em parte, alguns romances históricos também reforçaram a vida de grandes figuras históricas e, conseqüentemente, enaltecem a história de alguns povos, como é o caso do libertador político Simón Bolívar, através do romance *O general em seu labirinto* (1989), do colombiano Gabriel García Márquez. É notório que muitos romances

históricos publicados no Sul do Brasil fortaleceram a história das revoltas, batalhas e disputas de época. Muitos desses possuem uma forte envergadura com o regionalismo, abordando, por exemplo, a Guerra do Contestado, como se observa no romance *Geração do Deserto* (1964), do escritor Guido Wilmar Sassi, e a Guerra dos Farrapos, no romance *Os varões assinalados* (1985), do escritor Tabajara Ruas, entre outros. A variedade desses temas já foi tratada no ensaio *Ficção Histórica e Regionalismo: Estudos sobre Romances do Sul* (2004), da pesquisadora Marilene Weinhardt. Por um viés alusivo, muitos romances históricos foram encomendados para reforçar o aniversário de descobrimento de algumas nações (500 anos de descoberta do Brasil), como é o caso brasileiro, com *Terra Papagali* (1997), de José Torero e Marcus Aurelius, e *A República dos Bugres* (1999), de Ruy Reis Tapioca. Na década de 1990, a Editora Lê, sediada na cidade de Belo Horizonte, publicou vários romances com temáticas importantes, vigorando a questão dos aniversários de datas históricas e fortalecendo a identidade da nação brasileira. Por outro viés, é importante frisarmos que a pesquisadora Maria Cristina Pons no seu ensaio *Memorias del Olvido. Del Paso, García Márquez, Saer y la novela histórica de fines del siglo XX* (1996), reforça essa ideia de identidade nacional ao falar dos romances históricos hispano-americanos, formulados com base nas novas repúblicas que surgiram em vários países.

5. Quem são os grandes romancistas históricos do Brasil? Pode comentar um caso?

Em minha opinião, são eles: José de Alencar, Paulo Setúbal, Érico Veríssimo, João Felício dos Santos, Ruy Reis Tapioca, Luiz Antônio de Assis Brasil, entre outros. No evento “II Ciclo de Palestras: Os Mestres da Narrativa Histórica Brasileira” (<http://portalbu.ufsc.br/ciclodopalestras/>), que está ocorrendo na Universidade Federal de Santa Catarina, fui o responsável pela curadoria de 08 romances históricos. Para escolher esses romances históricos observei alguns fatores, a saber: o critério de leitura e importância dos acontecimentos históricos relacionados à nação brasileira, a relevância desses romances para compreensão do presente histórico brasileiro, a compreensão da política e sociologia atrelada aos enredos. Dentre eles, gostaria de mencionar o caso do romance histórico *Carlota Joaquina* (1967), do escritor carioca João Felício dos Santos. Em questão, o romance faz uma vasta incursão por meio da chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Cabe lembrar que a cineasta Carla Camurati escreveu o roteiro do filme homônimo estreado em 1994, com base na leitura do romance. Assim, o romance acrescenta vários episódios que circunstanciam a vida de Carlota, tanto na Europa como no Brasil e apresenta a história vexatória dos acontecimentos, mostrando um Brasil pouco difundido nos livros de História. Em suma, a leitura desse romance é fundamental para compreender os bastidores da História do Brasil do século XIX.

6. O que faz um romance histórico naufragar? Imperícia do escritor? Excesso de informações históricas? Pode citar alguns exemplos ou pelo menos um exemplo de romance histórico ruim?

A meu ver, o excesso de informações históricas, juntamente com a não dramatização poética desses acontecimentos fragiliza a escrita de um bom romance histórico. Dessa maneira, quando o romance histórico se torna algo aos moldes dos documentos ou dos arquivos pesquisados, isso acaba prejudicando a matéria narrada. Por outro lado, cabe lembrar que a ficção exagerada, fazendo com que o escritor ignore os documentos e livros históricos, igualmente acaba desfavorecendo a formulação de um bom romance histórico. O romance *Rosa Egípcia da Vera Cruz* (1997), da escritora Heloísa Maranhão, pode servir de exemplo para compreender essa falta de tratamento com a matéria narrada. Em questão, o enredo gira em torno da vida da escrava egípcia no sistema escravista brasileiro do século XVIII. Não li nada sobre a História Oficial da escrava, talvez seja por isso que não tenha assimilado o lastro estético desse romance histórico. Comprei o livro, no entanto, não consegui avançar na leitura, desistindo rapidamente.

7. É uma tradição a existência de romances históricos? Quais foram os primeiros? Os Estados Unidos produzem romances históricos? A Rússia produziu muitos? E a França, a na Europa?

Gyorgy Lukács no seu clássico ensaio *O Romance Histórico* (2010 – edição brasileira), publicado pela primeira vez em alemão, no ano de 1937, resgata os principais pressupostos sobre o romance histórico no continente europeu. A seu ver, os romances *Wanwerley* (1814), *Rob Roy* (1817) e *Ivanhoé* (1819), do escocês Walter Scott, reforçam a tríade romanesca que expandiu novos horizontes culturais na Europa ocidental e, possivelmente, angariou um invejável número de leitores nos primeiros quartéis do mesmo século, embora Lukács reconheça que muitos romances históricos tenham também origem em outras terras. Já o romance *Guerra e Paz* (1869), do escritor russo Liev Tolstói, citado por Lukács, narra a campanha de Napoleão na Áustria, alimentando questões históricas em vários outros países. Já nos Estados Unidos da América teremos o clássico *Ragtime* (1974), do escritor norte-americano E.L. Doctorow. Na França teremos o romance histórico *Salambô* (1862), do escritor Gustave Flaubert que também é citado por Lukács no seu ensaio. Segundo o crítico Antonio Candido, o primeiro romance histórico que surgiu em terras brasileiras, especificamente no segundo quartel do século XIX, foi o romance *Um roubo na Pavuna*, do escritor Luís da Silva Alves de Azambuja Suzano (1791-1873). No entanto, o pesquisador José A. Pereira Ribeiro, no seu ensaio *O romance histórico na Literatura Brasileira* (1976), acentua que o escritor Pereira da Silva já havia pronunciado algumas de suas criações literárias com pitadas de realismo e documentação, articulando, assim, elementos da história do Brasil. Ribeiro cita as obras escritas pelo romancista, a saber: *Uma paixão de artista, Religião, Amor e Pátria* (1838) e *Jeronymo Cortercal* (1840) e, posteriormente, o romance *Manuel de Moraes* (1866).

8. Um romance histórico é inferior, por exemplo, a um romance não histórico, um romance puramente de ficção? Ou essa diferenciação não existe?

Para responder a essa pergunta devemos verificar as distinções entre o Romance Histórico Tradicional e o Novo Romance Histórico. O primeiro possuía uma forte matriz amarrada às referências documentais de época. Desse modo, o enredo ligado aos episódios históricos manteve, naquela época, um forte respaldo à verdade histórica, se é que esta existe. A margem de invenção era raríssima, embora a crítica afirme que Walter Scott foi um grande mentiroso. Por outro lado, José de Alencar possuía forte medo da crítica e ajustava a sua ficção histórica, buscando citar, através de notas de rodapé, as referências documentais que pesquisou. A esse respeito, o pesquisador Alcemeo Bastos, numa conferência proferida na ABL, afirma que o romance indianista de Alencar teve forte embasamento documental e histórico. Já o segundo, inaugurado pela matriz do romance *O Reino do Mundo* (1949), do cubano Alejo Carpentier, possuía uma forte carga de invenção e de um universo maravilhoso, conforme aponta o crítico Seymour Menton. Devemos salientar que, com o surgimento da Escola de Annales, em 1928, através dos franceses Marc Bloch e Lucien Febvre, a História Oficial é praticada de outra forma e maneira. Em outras palavras, a História passa a ser problematizada e questionada perante o seu anseio positivista e pragmático, praticado no século XIX. Dessa maneira, o historiador não seria um sujeito colecionador de eventos históricos ou um empilhador de causas mortas, mas alguém que interage e modifica a ordem da história idealizada, objetiva, racional. Com a quebra do universo realista, problematizado no Modernismo e, posteriormente, no pós-modernismo, o romance histórico acaba adquirindo outra vertente estética. Além disso, o vocábulo “desrealização”, cunhado pelo autor Anathol Rosenfeld, do ensaio “Reflexões sobre o romance moderno”, reforça essa hipótese. Assim, com o surgimento do Novo Romance Histórico, especificamente na década de 1970, como é o caso brasileiro, existe uma quebra da linearidade dos acontecimentos: a inserção do fazer histórico, o salto cronológico dos acontecimentos, a multiplicidade de narradores, enfim, uma liberdade maior ao ficcionista.

9. De que maneira surgiu o seu interesse pelo assunto? Pode falar sobre a sua pesquisa?

Sempre fui apaixonado pela História Nacional e das outras nações da América Latina. A compreensão da História via romance histórico é mais prazerosa, lúdica e, ao mesmo tempo, inteligente. O romance histórico, através da literatura, revela, com maior tensão, a História Oficial, como dizia o recém-falecido historiador Nicolau Sevcenko, no seu livro *Literatura como missão* (1984). De qualquer forma, quando terminei o mestrado, não desejava explorar o mesmo assunto, por isso, enveredei na leitura de muitos romances históricos, visando compreender os fatos da ditadura militar no Brasil e, por curiosidade própria, da História do século XIX. Nos últimos anos, o trato interdisciplinar das relações entre História e Literatura, no ambiente acadêmico, é muito bem vindo. Nas palestras e cursos que tenho ministrado em algumas instituições, posso notar um grande interesse do público pelo assunto. O objeto da minha pesquisa parte da análise entre a articulação entre o passado e presente nos romances *A República dos Bugres* (1999) e *Conspiração Barroca* (2008) de Ruy Reis Tapioca. Desse modo, a chave de leitura para compreender esses romances é que os tempos se articulam em vários episódios, gerando um olhar retrospectivo crítico ao passado. Vale lembrar que ambos carecem de pesquisas na academia. O segundo título foi publicado apenas em Portugal. Parte da minha pesquisa gira em torno também de compreender as motivações do público leitor contemporâneo pela leitura de romances históricos. Enfim, pretendo explorar esse último assunto, em maior grau, por meio de um ensaio específico.

10. O que gostaria de falar sobre o assunto e eu não perguntei?

A questão do interesse do público leitor pelo Novo Romance Histórico Brasileiro, bem como as motivações do público em relação aos acontecimentos do passado. Muitas editoras nacionais e estrangeiras estão moldando um novo grupo de interessados em romances históricos. Trata-se de editoras que exploram o mercado das traduções de romances históricos, evidenciando essa autêntica produção romanesca em países estrangeiros, e que, nos últimos anos, têm fortalecido o mercado editorial brasileiro. Meu interesse é apenas situar o pesquisador brevemente diante desse mercado tão explorado pelo circuito comercial das editoras. A título de exemplo, ao visitar o *site* http://www.record.com.br/genero.asp?id_genero=63¹, da editora brasileira Record, identificamos uma vastidão de traduções de romances e autores, como é o caso do britânico Bernard Cornwell (autor com mais de 40 títulos), que lidera esse estilo tão referenciado. Seguindo esse mesmo raciocínio, observo o caso da editora Melhoramentos, que assinala presença contabilizando a marca de 13 romances históricos, conforme visita ao endereço eletrônico <http://editoramelhoramentos.com.br/serie-romances-historicos/>.² Semelhantemente, em termos mundiais, a Editora Arqueiro merece grande destaque na publicação de romances históricos, divulgando a vasta obra do mestre britânico Ken Follet. Ao consultar o *site* <http://www.editoraarqueiro.com.br/>³, foi possível observar que a longa lista de romances deste escritor comporta olhares curiosos, sendo possível identificar sua competência literária quando o assunto é narrativa histórica com base documental. A título de exemplo, o romance *Queda de Gigante* (2010) se encontra em quinta posição da lista dos mais vendidos, ampliando exponencialmente o sucesso de grandes narrativas em torno da questão histórica. De igual modo, a lista dos romances históricos “mais lidos e vendidos”, conforme divulgação do sítio eletrônico da Livraria Fnac – –, aponta *Os pilares da terra* (2007), *A queda dos gigantes* (2010), ambos do escritor Ken Follet, *O mercador de livros malditos* (2011), de Marcello Simoni, *A invasão do mar* (2004), de Júlio Verne, *A sétima porta* (2013), de Richard Zimler, *Guerra e Paz* (2005), de Lev Tostói, *Roma* (2010), de Steven Taylor, *Um mundo sem fim* (2008), de Ken Follet, *A profecia de Istambul* (2010), de Alberto Santos e, por último, o lançamento *A rainha Ginga* (2014) de José Eduardo Agualusa.

¹ Disponível em: <<http://www.record.com.br/genero.asp?id_genero=63>> Acesso em: 10/05/2014

² Disponível em: <<<http://editoramelhoramentos.com.br/serie-romances-historicos/>>> Acesso em: 10/05/2014.

³ Disponível em: <<http://www.editoraarqueiro.com.br/>> Acesso em 10/05/2014.